



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Globalização, Política e Cidadania / Crises, Estado e Política

**A CRISE ECONÓMICA E OS PROBLEMAS DO DISCURSO “GLOBALISTA” E/OU “EUROPEÍSTA”:
OPORTUNIDADE PARA UM REGRESSO À DEMOCRACIA?**

GRAÇA, João Carlos

Agregado, Socius

ISEG-UTL

jgraca@iseg.utl.pt

Resumo

Num contexto em que o discurso “globalista” se tornou largamente hegemónico, quer na versão “otimista” oficial e dominante, quer em versão subalterna e “alter-globalista”, é importante começar por destacar o carácter largamente mítico do mencionado discurso, o qual se reporta de facto muito mais às realidades culturais e políticas do que às económicas, e de resto assumindo em geral uma validade estritamente “performativa”: trata-se de um discurso “verdadeiro” na medida e apenas na medida em que os agentes se convençam da sua “verdade”, comportando-se em conformidade com essa convicção e “fazendo-o” nesse sentido verdadeiro.

Uma das consequências políticas da hegemonia do discurso “globalista” é, entretanto, a inegável crise do Estado-nação e o nadir atravessado pelo próprio conceito regulador de soberania. Este nadir da soberania corresponde obviamente a um processo de marcada desemancipação política, no qual as instituições políticas democráticas são tendencialmente esvaziadas de conteúdo, seja em nome da alegadamente inevitável *race to the bottom* da fiscalidade, dos salários e da intervenção económica estatal em ambiente de “economia aberta”, seja em nome duma putativa “sociedade civil global”, à qual manifestamente não corresponde qualquer expressão política própria directa, mas que seria de acordo com algumas narrativas o veículo de universalização da “liberdade negativa”, ou “liberdade dos modernos”, ou seja, a liberdade relativamente à interferência de qualquer instância estatal.

Este discurso constitui obviamente uma enorme *tartufferie*, entre outras razões porque a perda de “liberdade positiva” em nada contribui para o reforço da “liberdade negativa”, mas também porque as tendências “globalistas” veiculam agendas marcadamente imperiais... e imperiais não num sentido “negri-hardtiano”, supostamente “abstracto”, mas imperiais com uma base marcadamente nacional: norte-americana, ou europeia ocidental. Entretanto, as populações europeias tornaram-se elas próprias, através do intento “public choice” de fabricação duma moeda única, vítimas duma colossal engenharia política destinada à constituição de um centro decisório unificado e “livre de ciclo eleitoral”, que é o que desde a origem subjaz ao “projecto Euro”.

A crise posterior a 2008, entretanto, parece estar a contribuir para acordar os povos europeus do sono profundo (ou da hibernação política) em que o ópio “europeísta” as tinha mergulhado...

Abstract

In a context where Globalist discourse has become largely hegemonic, whether in the official “optimist” version or in the subaltern or “Alter-Globalist” one, it’s important to start by underlining the largely mythical character of that discourse, which indeed refers much more to cultural and political realities than to economic ones, and besides assuming a merely “performative” validity: this a discourse that is “true” only inasmuch agents are persuaded of its “truthfulness”, behaving accordingly to that persuasion and thereby “making” it in that sense true.

One of the political consequences of the hegemony of Globalist discourse, at any rate, is the undeniable crisis of nation-state and the nadir of the very concept of sovereignty. This nadir of sovereignty corresponds obviously to a process of a bold political disenfranchisement, in which political institutions are devoid of all content, whether in the name of an allegedly inevitable race to the bottom of taxation, wages and State economic intervention within an environment of “open economy”, or in the name of a putative “global civil society”, to which evidently no direct proper political expression corresponds, but being supposedly, and according to some narratives, the vehicle for the universalisation of “negative freedom”, or “freedom of the moderns”, that is, freedom from any political interference.

This discourse constitutes undeniably an enormous *tartufferie*, among other reasons because the loss of “positive freedom” contributes nothing or negatively to the reinforcement of universal “negative freedom”, but also because “Globalist” tendencies are the vehicle to clear-cut imperial agendas... and imperial not in a merely Negri-Hardtian or supposedly “abstract” sense, rather imperial with an obvious national basis: North American, or West European. In the process, European populations have themselves become victims, through the “public choice theory” inspired process of monetary unification, of a colossal political engineering aiming at the production of a decision centre simultaneously unified and “electoral-cycle-free”, which is the one purpose underlying “Euro project” from its incept.

In the meantime, the economic crisis emergent since 2008 may be contributing to somehow wake up European peoples from their deep dogmatic slumber (or political hibernation) in which “Europeanist” opium had submersed them...

Palavras-chave: globalização, união aduaneira, democracia, “desemancipação”, performatividade

Keywords: globalization, customs union, democracy, disenfranchisement, performativity

[PAP1259]

A crise económica e os problemas do discurso “globalista” e/ou “europeísta”:

Oportunidade para um regresso à democracia?

Vivemos num contexto geral em que o discurso “globalista” se tornou largamente hegemónico, quer na versão “otimista” oficial e dominante, quer em versão subalterna e “alter-globalista”.

Quanto a isso, é desde logo importante começar por destacar o carácter largamente mítico do mencionado discurso. A título de exemplo, e contrariamente à crença hoje em dia mais propalada, a importância do comércio internacional não subiu de forma continuada por comparação com o PIB à escala mundial, tendo essa importância relativa na verdade decrescido durante a maior parte do século XX, para regressar só cerca de 1990 aos valores atingidos em 1914, em vésperas da I Guerra Mundial (cf. Fligstein 2000, Rosenberg 2002). O século XX, em suma, que foi sem dúvida um século de absolutamente excepcional crescimento económico em toda a história da humanidade, foi também um século de relativo fechamento económico ou “autarcia”.

O crescimento posterior da importância relativa do comércio mundial foi, por outro lado, garantido não através de trocas verdadeiramente “globalizadas”, mas na verdade “regionalizadas”, isto é, ocorrendo no interior de áreas de integração aduaneira e/ou económica (UE, MERCOSUR, NAFTA, etc.), adentro de determinados quadros institucionais garantindo um mínimo de “incrustação” jurídico-política das transações comerciais — e de resto deixando aqui de lado o carácter mais ou menos conseguido ou falhado de cada uma dessas experiências de uniões aduaneiras e/ou económicas. Por outro lado, na medida em que a economia mundial se tornou realmente mais “aberta” ou “integrada” o ritmo de crescimento do PIB da mesma não parece ter beneficiado significativamente dessa abertura, isto é: economias nacionais mais “abertas” foram também economias nacionais em termos médios com maiores dificuldades de crescimento, em que as desigualdades económicas aumentaram e onde os indicadores ditos “sociais” (esperança média de vida à nascença, taxas de mortalidade infantil, etc.) indicam frequentemente situações de impasse, se não mesmo de claros retrocessos.

Acima de tudo, o efetivo aumento do nível de integração global não se verificou no plano económico quanto às “balanças comerciais” (importações e exportações), mas sim quanto às chamadas “balanças de capitais”, ou seja, quanto aos fluxos financeiros, os quais realmente viram a sua importância aumentar de forma vertiginosa, num processo em grande medida correspondente à chamada “financeirização” das economias, todavia traduzindo-se esse facto mais em lesão do que em benefício para o desempenho económico geral. De facto, a experiência mundial das últimas duas décadas constitui basicamente uma portentosa experiência ilustrativa dos malefícios da liberdade irrestrita de circulação de capitais, apelando por isso à limitação severa da mesma, quando não à instituição de controlos de capitais. Quanto a isto, deve sublinhar-se que os países com desempenhos económicos mais invejáveis nas últimas duas décadas (como, entre outros, a República Popular da China) são países em que os movimentos de capitais são objeto de um controlo administrativo apertado.

De facto, o discurso “globalista” parece reportar-se muito mais às realidades culturais e políticas do que às económicas, assumindo assim em geral uma validade estritamente “performativa”: trata-se de um discurso “verdadeiro” na medida e apenas na medida em que os agentes se convençam da sua “verdade”, comportando-se em conformidade com essa convicção e “fazendo-o” nesse sentido verdadeiro. Como caso extremo da argumentação sociológica relativa à pretensa factualidade e inevitabilidade da “globalização” deve mencionar-se o caso de Anthony Giddens (1990), aliás já habilmente escalpelizado por Justin Rosenberg (2002), mas relativamente ao qual deve agora sublinhar-se que o seu argumento mais diretamente relevante, a tese central — que o aumento da “reflexividade” dos agentes sociais tornaria fútil qualquer pretensão de projeto social geral, dado que os agentes reformulariam constantemente a sua própria atuação determinando assim a invalidação duma intervenção geral, de natureza política — constitui no fundamental uma reformulação, através de roupagens “sociológicas”, da ideia, tornada entretanto *mainstream* em teoria económica sobretudo através da obra do prémio nobel Robert Lucas, segundo a qual, assumindo-se um quadro dito de “expectativas racionais”, os agentes corrigiriam a sua atuação no sentido da compensação

sistemática do determinado pelos decisores de política económica, pelo que esta resultaria essencialmente fútil. Deixada “entregue a si mesma”, a economia, ou “o mercado” (assim reza a *estória* de Lucas) regular-se-ia de forma mais expedita do que havendo a pretensão de proceder a uma regulação administrativa, resultante do exercício da autodeterminação coletiva das sociedades, isto é, através de meios políticos, em particular os resultantes da colocação em prática de medidas de política económica.

Quanto a isto, deve destacar-se que realmente uma das consequências políticas da hegemonia do discurso “globalista” é sem dúvida a inegável crise “performativa” do Estado-nação e o nadir atravessado pelo próprio conceito regulador de soberania. Este nadir da soberania corresponde agora já inegavelmente também a um processo de marcada *desemancipação* política (Losurdo 2003), no qual as instituições políticas democráticas (democratizadas ao longo de complexos e conturbados processos multisseculares) são tendencialmente esvaziadas de conteúdo, por um lado:

1) Em nome da alegadamente inevitável *race to the bottom* da fiscalidade, dos salários e da intervenção económica estatal em ambiente de “economia aberta”. Esta “corrida ao fundo”, repita-se e sublinhe-se, não constitui de modo nenhum uma inevitabilidade, mas de facto este tema interpela-nos pela noção de que existem objetivos entre si incompatíveis nos projetos de exercício efetivo da democracia, de “abertura” económica e ainda mais de integração aduaneira (e *a fortiori* monetária). Tal como enunciado pelo chamado “trilema de Rodrik” (Rodrik 2007, 2011 e 2012), liberdade de circulação de capitais, unificação monetária e exercício efetivo da democracia através da escolha pelas sociedades de políticas económicas interventivas são projetos entre si incompatíveis, ou em relação de *tradeoff*. Mais ainda, o próprio adquirido de teoria económica *mainstream* permitia prever que vários dos processos de integração económica processados (ou acelerados) nas últimas duas décadas, encontrando-se longe da solução considerada “ótima”, a qual aponta para a união de economias entre si concorrenciais e não complementares (Viner 1905), deveriam tender a resultar no agravamento das diferenças interestaduais e inter-regionais, com lesão clara para os países e regiões mais pobres, como efetivamente se tem verificado no caso dos chamados PIGS, no âmbito da UE, e do México, no âmbito da NAFTA. Em grande medida, este aumento das desigualdades resulta da lógica do chamado *kicking away the ladder*, ou impedimento dos países mais pobres de apelo às medidas de política económica ativa que tinham começado por permitir o arranque dos mais ricos (Chang 2002 e 2003). Na medida em que uma união aduaneira e/ou monetária incorpore na sua “filosofia” inspiradora a noção de primazia da concorrência e a correspondente aversão às políticas económicas ativas (necessariamente discricionárias), como é manifestamente o caso com a UE, esta dinâmica de *kicking away the ladder* e o subsequente aumento do fosso das desigualdades seguem-se quase de forma quase inevitável.

2) Por outro, em nome duma putativa “sociedade civil global”, à qual manifestamente não corresponde qualquer expressão política própria direta, mas que seria de acordo com algumas narrativas o veículo de universalização da “liberdade negativa”, ou “liberdade dos modernos”, ou seja, a liberdade relativamente à interferência de qualquer instância estatal (quanto às duas liberdades, cf. Berlin 1969; quanto a isto, também Losurdo 2004). Malgrado a apologia incessante de que é ainda frequentemente objeto (cf. Archibugi 2000 e 2002), este discurso revelou-se entretanto uma enorme impostura e de facto um avatar da tendência para o regresso em força e em fúria da dominação neocolonial do “Ocidente” sobre o conjunto do globo (ver, a título de exemplo, Gowan 2000, 2001a, 2001b, 2002b, 2003a, 2003b, 2004, 2005 e 2006, Losurdo 2007).

A pretensa falência *lyotardiana* das chamadas “grandes narrativas”, e em particular do marxismo, teria conduzido a um ambiente geral onde só o fragmentário e o parcial estariam disponíveis ao debate, ao exercício da decisão e à construção de projetos.

Este discurso constitui obviamente uma enorme *tartufferie*, entre outras razões porque a perda de “liberdade positiva” em nada contribui para o reforço da “liberdade negativa”, mas também porque as tendências “globalistas” veiculam agendas marcadamente imperiais... e imperiais não num sentido “negri-hardtiano” (Hardt & Negri 2000; para uma recensão crítica, Balakrishnan 2000), supostamente “abstrato”, mas imperiais com uma base marcadamente nacional: norte-americana e/ou europeia ocidental (Arrighi 2008 e 2010, Gowan 2002a). Entretanto, as populações europeias tornaram-se elas próprias, através do intento “public choice” de fabricação duma moeda única, vítimas duma colossal engenharia política destinada à

constituição de um centro decisório unificado e “livre de ciclo eleitoral”, que é o que desde a origem subjaz ao “projecto Euro” (Lacroix-Riz 2008, Arrighi 2010, Lapavitsas et al. 2010a e 2010b).

A crise posterior a 2008, entretanto, parece estar a contribuir para acordar os povos europeus do sono profundo (ou da hibernação política) em que o ópio “europeísta” as tinha mergulhado (Lapavitsas et al. 2011 e 2012; Graça, Lopes & Marques 2011).

Referências Bibliográficas

Archibugi, Daniele (2000), “Cosmopolitical Democracy”, *New Left Review*, 4, pp. 137-150, site: <http://newleftreview.org/II/4/daniele-archibugi-cosmopolitical-democracy>

_____ (2002), “Demos and Cosmopolis”, *New Left Review*, 13, January-February 2002, pp. 24-38, site: <http://newleftreview.org/II/13/daniele-archibugi-demos-and-cosmopolis>

Arrighi, Giovanni (2008), *Adam Smith in Beijing: Lineages of the Twenty-First Century*, London/New York, Verso.

_____ (2010 [1994]), *The Long Twentieth Century: Money, Power and the Origins of our Times; New and Updated Edition*, London/New York, Verso.

Balakrishnan, Gopal (2000), “Hardt and Negri's Empire”, *New Left Review*, 5, September-October, pp. 142-148, site: <http://newleftreview.org/II/5/gopal-balakrishnan-hardt-and-negri-s-empire>

Berlin, Isaiah (1969), *Four Essays on Liberty*, Oxford/New York, Oxford University Press.

Chang, Ha-Joon (2002), “Kicking Away the Ladder”, *post-autistic economics review*, issue 15, September 4, article 3, site: http://www.btinternet.com/~pae_news/review/issue15.htm

_____ (2003), *Kicking Away the Ladder: Development Strategy in Historical Perspective*, London, Anthem Press.

Fligstein, Neil (2000), *Globalization or Europeanization: Evidence on the European Economy Since 1980*, Center for Culture, Organizations and Politics, University of California, Berkeley, w-p site <http://repositories.cdlib.org/iir/ccop/wps-2000-04>

Giddens, Anthony (1990), *The Consequences of Modernity*, Cambridge.

Gowan, Peter (2000), “A Spanish Singleton”, *New Left Review*, 6, November-December, pp. 144-149, site: <http://newleftreview.org/II/6/peter-gowan-a-spanish-singleton>

_____ (2001a), “Neoliberal Cosmopolitanism”, *New Left Review*, 11, September-October, pp. 79-93, site: <http://newleftreview.org/II/11/peter-gowan-neoliberal-cosmopolitanism>

_____ (2001b), “The Origins of Atlantic Liberalism”, *New Left Review*, 8, pp. 150-157, site: <http://newleftreview.org/II/8/peter-gowan-the-origins-of-atlantic-liberalism>

_____ (2002a), “After America?”, *New Left Review*, 13, January-February, pp. 136-145, site: <http://newleftreview.org/II/13/peter-gowan-after-america>

_____ (2002b), “A Calculus of Power”, *New Left Review*, 16, July-August, pp. 47-67, site: <http://newleftreview.org/II/16/peter-gowan-a-calculus-of-power>

_____ (2003a), “Instruments of Empire”, *New Left Review*, 21, May-June, pp. 147-153, site: <http://newleftreview.org/II/21/peter-gowan-instruments-of-empire>

_____ (2003b), “US: UN”, *New Left Review*, 24, November-December, pp. 5-28, site: <http://newleftreview.org/II/24/peter-gowan-us-un>

_____ (2004), “American Lebensraum”, *New Left Review*, 30, November-December, pp. 155-164, site: <http://newleftreview.org/II/30/peter-gowan-american-lebensraum>

- _____ (2005), "Pax Europæa", *New Left Review*, 34, July-August, pp. 134-142, site: <http://newleftreview.org/II/34/peter-gowan-pax-europaea>
- _____ (2006), "A Radical Realist", *New Left Review*, 41, September-October, pp. 127-137, site: <http://newleftreview.org/II/41/peter-gowan-a-radical-realist>
- Graça, João Carlos, João Carlos Lopes & Rafael Marques (2011), "The European Sovereign Crisis: the Portuguese Case", *Economic Sociology Newsletter*, Volume 12, pp. 38-47, site: http://econsoc.mpifg.de/archive/econ_soc_12-3.pdf
- Hardt, Michael & Negri, Toni (2000), *Empire*, Cambridge MA/London, Harvard University Press.
- Lacroix-Riz, Annie (2008), *L'Unité Européenne: Mythes et Réalités – Une Conférence de Annie Lacroix-Riz, 13 Juin 2008*, site: http://www.dailymotion.com/video/x6s90y_europe-mythe-et-realites_news?start=3; acessível também no site pessoal da autora: <http://www.historiographie.info/index.html>
- Lapavistas, Costas, et al., 2010a: *Eurozone Crisis: Beggar Thy Self and Thy Neighbour*, Research on Money and Finance, site: <http://researchonmoneyandfinance.org/media/reports/eurocrisis/fullreport.pdf>
- _____, 2010b: *The Eurozone between Austerity and Default*, Research on Money and Finance, site: <http://www.researchonmoneyandfinance.org/media/reports/RMF-Eurozone-Austerity-and-Default.pdf>
- _____ (2011), Third RMF Report on the Eurozone Crisis: Breaking Up? A Route Out of the Eurozone Crisis, Research on Money and Finance, site: <http://www.researchonmoneyandfinance.org/wp-content/uploads/2011/11/Eurozone-Crisis-RMF-Report-3-Breaking-Up.pdf>
- _____ (2012), *Crisis in the Eurozone*, London, Verso.
- Losurdo, Domenico (2004), *Hegel and the Freedom of Moderns (Post-Contemporary Interventions)*, Durham, Duke University Press.
- _____ (2007), *Il Linguaggio dell'Impero: Lessico dell'Ideologia Americana*, Roma-Bari, Editori Laterza.
- ROodrik, Dani (2007), *The inescapable trilemma of the world economy*, Dany Rodrik's weblog: Unconventional Thoughts on Economic Development and Globalization, site: http://rodrik.typepad.com/.m/dani_rodriks_weblog/2007/06/the-inescapable.html
- _____ (2011), *The Globalization Paradox: Democracy and the Future of World Economy*, London, W. W. Norton and Company.
- _____ (2012), *Impossible Trinity*, Wikipedia, site: http://en.wikipedia.org/wiki/Impossible_trinity
- Rosenberg, Justin (2002), *The Follies of Globalization Theory*, London/New York, Verso.
- Viner, Jacob (1950), *The Customs Union Issue*, New York, Carnegie Endowment for International Peace.